

Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta

Bracara Augusta, pela sua posição geográfica atingiu entre as cidades que a rodeavam grande proeminência. Além de ser a sede de um dos sete conventos jurídicos da província Tarraconense foi um centro comercial importante como o provam algumas epígrafes que chegaram até nós ⁽¹⁾. A sua importância foi tal que nos marcos miliários das cinco vias militares que nela convergiam as distâncias estavam marcadas em relação a si.

Várias indústrias por certo que floresceram nesta cidade e se de algumas não ficaram testemunhos houve uma que nos legou numerosos elementos que permitem o seu estudo, a olaria. A sua existência não é de admirar pois que, bem próximo da actual cidade de Braga, na zona de Prado, essa indústria continua em laboração agora junto das próprias barreiras.

É indubitável que na Braga romana existiu um importante conjunto de olarias:

1 — Na zona que se denomina por Maximinos foi encontrada grande quantidade de barro já depurado.

2 — Foram encontrados dois moldes de lucerna, um dos quais com a assinatura de L. Munatius Threptus ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Sobre a bibliografia dedicada a Bracara Augusta ver J. J. Rigaud de Sousa, *Subsídios para a carta arqueológica de Braga*, «Studia Arqueologia», Santiago de Compostela, 1973; P. Le Roux, *Les steles funaires de Braga*, III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1974; P. Le Roux, *Aux origines de Braga «Bracara Augusta»* vol. XXIX, Braga, 1975.

⁽²⁾ J. J. Rigaud de Sousa, *Acerca de um molde de lucernas*, «Trabalhos de Antropologia e Etnografia», Porto, 1966 e *Novo molde de lucernas aparecido em Braga*, «Traba. de Antrop. e Etn.», Porto, 1969.

3 — Têm aparecido grande quantidade de acessórios de olaria, hoje recolhidos nos Museus D. Diogo de Sousa e Pio XIII ⁽¹⁾.

4 — É fora de dúvida que em Braga se fabricou um tipo de cerâmica que se pode considerar como um compromisso entre as paredes finas (cor, pasta e engobe) e a terra sigillata (formas), datável do séc. I ⁽²⁾ e que teve uma certa expansão regional, tendo chegado, pelo menos, até Conimbriga. Além desta também se fabricaram aqui pratos de tipo dos designados por vermelho pompeiano ⁽³⁾.

Todos estes elementos foram recolhidos num ponto da cidade, hoje quase totalmente construído mas que ainda há bem poucos anos era destinado a campos de sementeira, sendo conhecido por Cidade de Cima e Quinta de Orjais, fazendo parte da freguesia de Maximinos. O ponto que nos interessa fica a meio da encosta da colina que sobe desde o rio Este até ao ponto mais elevado da área ocupada pela antiga cidade romana. A destruição que as ruínas da velha cidade sofreram com a expansão da nova cidade desde há uns quinze anos vieram impedir um estudo verdadeiramente detalhado de tão importante urbe.

Salvo uma ou outra escavação efectuada a partir de 1964 e as levadas a cabo pelo Campo Arqueológico da Universidade do Minho numa zona já relativamente restricta, tudo se tem perdido apesar dos esforços desenvolvidos para salvar essas importantes ruínas.

⁽¹⁾ Sobre o tipo destes acessórios ver J. R. Terrisse, *Les céramiques sigillées gallo-romaines des Mestres-de-Vevre*, XIX sup. de «Gallia», Paris, 1972.

⁽²⁾ Adília Alarcão, *Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta*, «Rei Cretariae Fautorum Acta», 8, 1966; Adília Alarcão e Alina M. Martins — *Uma cerâmica aparentada com as «paredes finas» de Nerida*, «Conimbriga», vol. XV, Coimbra 1976; J. J. Rigaud de Sousa, *Cerâmica fina típica de Braga*. II Cong. Nac. de Arq. Coimbra 1971.

⁽³⁾ A. Alarcão, loc. cit.; J. Alarcão, *Portugal romano*, Lisboa, 1973, p. 148.



Fig. 1 — Vista geral das escavações.

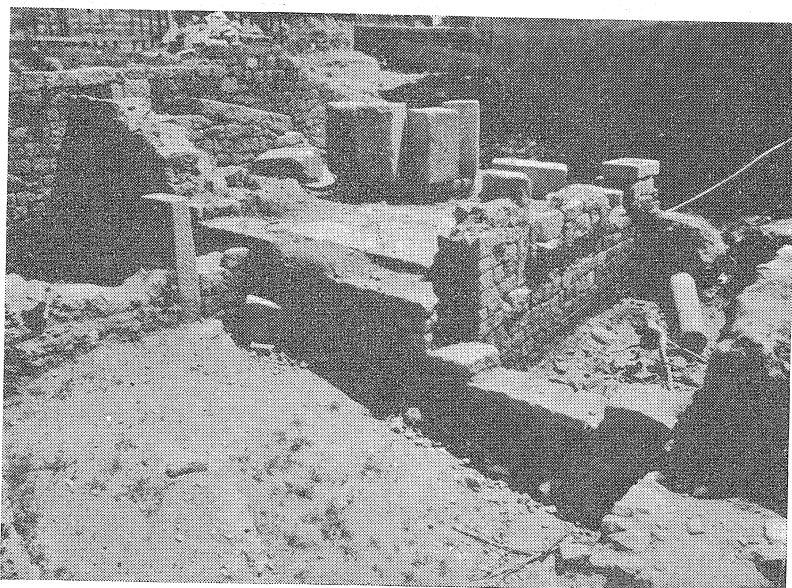


Fig. 2 — Pátio com o poço no centro. Notar as grandes pedras à volta do poço e o fuste de coluna caído próximo da sua base.

Mesmo assim muito se pôde estudar e julgamos ter elementos para além de se poder afirmar que existiu em Bracara Augusta uma indústria cerâmica, identificar a zona das olarias.

Essa identificação decorre dos elementos colhidos nas sucessivas escavações e sondagens que tiveram lugar entre 1964 e 1970, dirigidas, por D. Domingos de Pinho Brandão, Con. Arlindo da Cunha, Con. Dr. Luciano dos Santos e J. J. Rigaud de Sousa e em que também colaboraram os então estudantes Maria de la Salette da Ponte, Manuel Real e Eduardo Oliveira, além de outros.

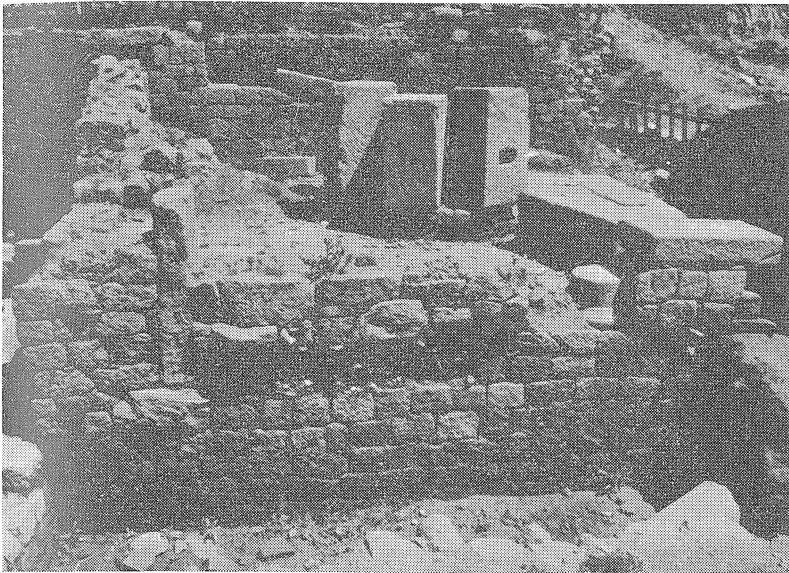


Fig. 3 — Pátio com o poço antes da descoberta do legado, vendo-se já a base da coluna no meio de alterações posteriores.

A atenção dos investigadores para as ruínas da Bracara Augusta foi despertada, um tanto tardiamente, com a abertura da R. Santos da Cunha que cortava a Cidade de Cima. Em 1964 devido à referida abertura começaram a aparecer numerosos restos da cidade romana com predominância para abundantes elementos cerâmicos que iam desde a cerâmica

comum à terra sigillata de todas as épocas, numa quantidade tal que devia ter despertado a atenção. Nesse mesmo local devia ter existido um forno cerâmico, segundo o relato do Con. Arlindo Cunha (1).

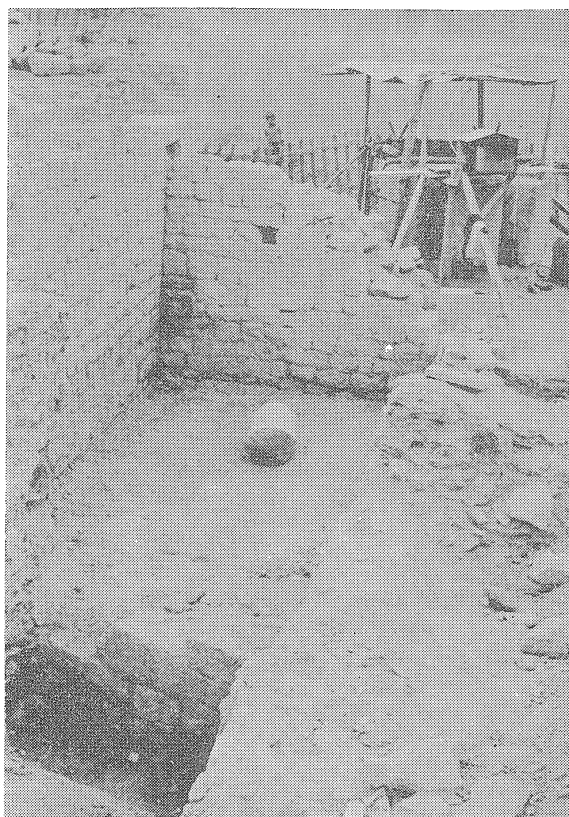


Fig. 4 — Grandes muros ainda existentes. Fotografia tirada na altura da desobstrução do poço.

Dois anos depois e devido à construção do edifício que hoje ocupa o ângulo este das ruas Santos da Cunha e Pero

(1) Artigos em «Correio do Minho», diário bracarense, de 5-11-1964 a 13-11-1964.

Magalhães Gandavo são postas a descoberto uma série de paredes que formavam compartimentos rectangulares, com a excepção de um deles e cujo paramento, ao contrário de todas as outras então aparecidas, era formado por fiadas de pedra irregulares, com excepção do primeiro contando a partir do SE. Este tinha a particularidade de ter o pavimento forrado por ladrilhos cuja superfície era percorrida por profundos sulcos que descreviam figuras mais ou menos espiraladas e estavam recobertos por barro virgem muito fino e depurado (1). Analisado este, nos laboratórios do Fundo de Fomento Mineiro, veio a verificar-se que provinha das barreiras da freguesia de S. Romão da Ucha (Prado), situadas a 14 quilómetros da cidade e muito perto da via que ligava Bracara a Tude (4 quilómetros), enquanto que o mesmo laboratório verificava que o barro que foi usado no fabrico do molde não provinha de zona próxima de Braga (2).

Em 1969 tentou-se obter mais elementos neste local, mas em vão porque os cortes e desaterros levados a efeito para abertura da rua e construção do prédio retiraram toda a camada arqueológica que aí existira.

Devido a tal continuou-se a prospecção 50 metros a NO da anterior, na rua Pêro M. Gandavo, pelo facto de aí terem aparecido diversos elementos (fuste de coluna, canalização de água, de barro, etc.) aquando da construção de uma outra casa.

Feitas as primeiras sondagens logo se verificou a necessidade de uma escavação sistemática dado a importância dos factores recolhidos, o que se praticou logo nesse mesmo ano e no seguinte.

Foi posto a descoberto um átrio lageado no centro do qual existia um profundo poço, que se teve de desentulhar. O átrio era delimitado a SO por um muro de suporte que sustentava a superfície da construção enquanto do lado contrário havia outro muro de suporte que continha as terras em nível superior (o terreno natural era em declive NO-SO). Este

(1) Ver nota 2.

(2) Ver nota 2.

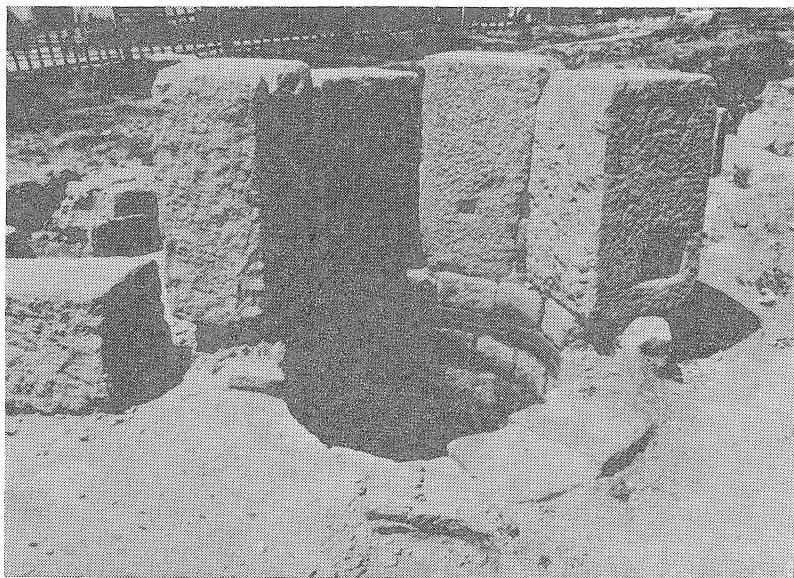


Fig. 5 — Aspecto do poço. Notar a sucessão de fiadas de pedra e duplas fiadas de tijolo

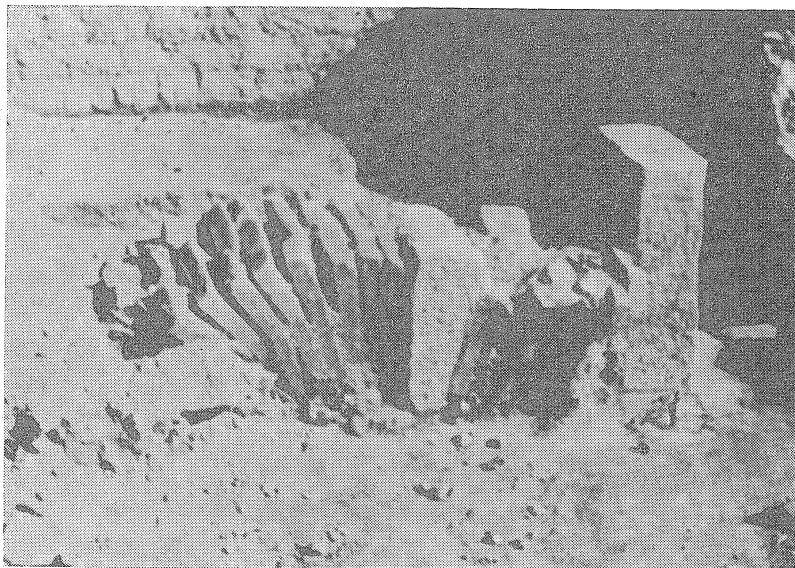


Fig. 6 — Arco, que «escorregou» pelos seus encostos.

segundo muro no entanto estava separado do átrio por um espaço de 0,90 e este era desse, lado delimitado por uma outra parede paralela ao muro de suporte. Nos dois outros lados da quadra encontravam-se duas outras paredes, se bem que de uma delas na altura da escavação já só existissem vestígios.

Voltando ao muro SO temos de acrescentar que ele servia de base a duas colunas encontrando-se ainda no local as respectivas bases e tombado ao lado de uma delas um fuste. Além disso há que referir que este muro foi em época posterior alteado ficando assim as bases incluídas nesse alteamento (Fig. 3). A uma construção de boa qualidade sucedeu uma de má, formada de pedras mal aparelhadas e fragmentos de tijolo.

No ângulo N deste átrio encontrou-se um arco de aduelas de tijolo e fecho de pedra com todos os seus elementos no seu sítio, só que abateu como se tivesse escorregado entre os seus encostos, por lhe ter faltado a sustentação. Não se encontrou qualquer explicação para tal facto, até porque não existiam vestígios dos apoios e de um dos lados faltava-lhe inclusivé o encosto.

No centro do átrio situava-se o referido poço em 9,70 m, de profundidade e um m de diâmetro. O seu rebordo sobressaía do nível do átrio 0,30 m ou seja uma fiada de pedra de espessura igual a 0,40 m e idêntica às paredes que delimitavam o átrio. O poço, redondo, era forrado de blocos de pedra e entre cada cinco fiadas desses blocs havia uma série de três fiadas de tijolos (anos mais tarde numa escavação em que colaborou o nosso Amigo Alain Traney, professor na Universidade de Poitiers, estudou-se um grande muro em que foi utilizada a mesma técnica de construção). No meio de cada uma dessas fiadas de tijolo os construtores deixaram ficar dois orifícios um em frente ao outro, de 0,30 m de alto por 0,20 m de comprido. Essas cavidades poderiam ter servido como uma espécie de escada que permitia descer ao fundo, ou como apoio de andaimes durante a construção. O veio da água era extremamente forte e o seu nível subiu logo que tirado o entulho (terra, pedras tendo misturada massa de vidro fundido de cor

verde gelo). Igualmente em época posterior foram colocados sobre o seu rebordo grandes pedras talhadas em forma de paralelepípedo (0,90 m × 0,42 m × 0,42 m).

Anexo ao átrio e a NO existia um compartimento cujo acesso a SO se fazia sob um arco que, inicialmente, assentara sobre uma coluna e uma pedra de umbreira. Esse arco tal como o anteriormente descrito também se encontrava pousado sobre o solo.

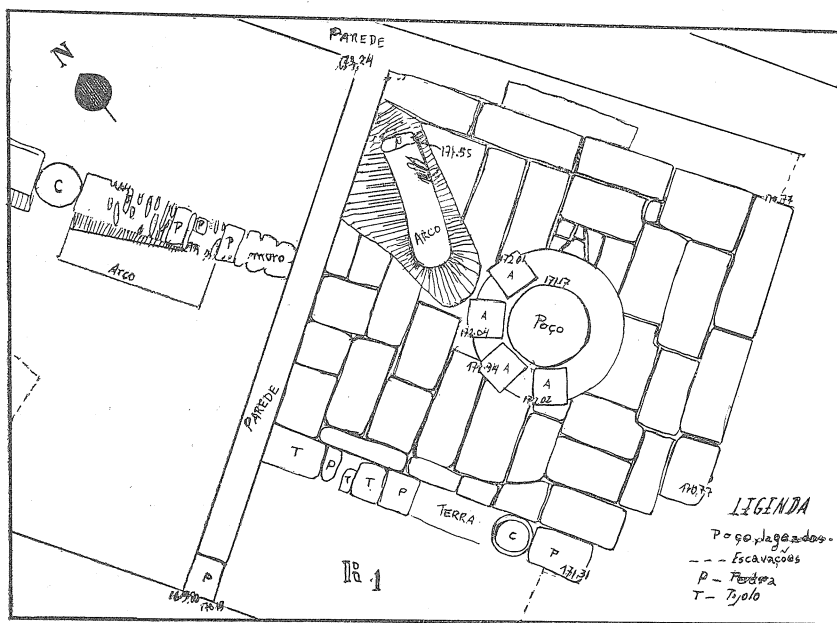


Fig. 7 — Plantado poço e lageado circundante.

Devido às várias vicissitudes que vem sofrendo o Museu D. Diogo de Sousa, onde recolheu quase todo o espólio dos compartimentos escavados deste edifício, torna-se actualmente, praticamente impossível fazer o seu estudo. Exceptuando-se, só, parte das cerâmicas finas constituídas na sua maioria pelas sigillatas. Além de alguns fragmentos de cerâmica cinzenta, de um de «paredes finas» foram encontrados bastantes frag-

mentos de «cerâmica bracarense» ⁽¹⁾ sendo predominantes as formas Drag. 29, 24/25, 35/36 e Mesquiriz 4/5. Na sigillata exceptuando um fragmento de itálica Drag. 15/17 e de outro de sudgálica Drag. 30 é toda constituída por sigillata hispânica de todas as épocas sendo predominantes as formas Drag. 37, 29, 24/25, 39 e Mesquiriz 4/5 num curioso paralelo com as formas da «cerâmica bracarense». Os vidros apareceram muito fragmentados, sendo impossível a sua classificação; serão na sua maior parte datáveis do séc. IV; os fragmentos do séc. I foram de pequena quantidade mas por razões do «progresso» da cidade não nos foi possível escavar os níveis inferiores, nem debaixo do átrio lageado o que nos permitiria uma visão mais correcta de todo o conjunto que foi destruído em 1971 para a construção de mais uma incaracterística e deprimente «moradia».

Estaríamos portanto pelo tipo de construção e pelos materiais encontrados perante uma edificação do séc. I-II, com posteriores reaproveitamentos.

CONCLUSÃO

Supomos que reunindo todos estes elementos podemos afirmar que neste local de Bracara Augusta foi exercida a actividade de olaria.

Assim através dos poços teria sido obtida a indispensável água ⁽²⁾; a série de quadras que se lhe seguiam seriam tanques de decantação com relevo especial para aquela que era ladrilhada e cujos ladrilhos ainda estavam cobertos de barro.

⁽¹⁾ Sobre esta cerâmica ver os artigos citados na nota 4.

⁽²⁾ Não era este poço a única fonte de água da zona pois no artigo do jornal «Correio do Minho» de 13-11-1964 e referindo-se a uma zona distante deste poço cerca de 20 metros para sul, Arlindo R. da Cunha diz, «No mesmo sítio, ao abrirem-se os alicerces para uma casa, apareceu um cisterna circular... É revestida de pedras perfeitamente iguais e distostas segundo o sistema de «opus incertum».

A estes elementos acrescentamos a existência de um possível forno, próximo da Av. da Imaculada Conceição.

Por outro lado também é significativo que além da grande quantidade de fragmentos de vasilhas de toda a espécie aqui também foram achados os dois fragmentos de moldes de lucernas ⁽¹⁾. Contudo atendendo a que a cerâmica de importação também apareceu em abundância igualmente nos parece lícito afirmar que além de fabrico aí também se praticava o comércio de produtos importados.

Finalmente, não queremos deixar de, referir que nesta zona se devem também ter fabricado vidros, pois nas escavações em que tomaram parte D. Domingos de Pinho Brandão e um dos signatários (R. S.) em 1966, foi encontrado um tijolo que deve ter pertencido a um forno de vidraria (uma das faces estava como que vidrada e a outra tinha aderente escória de vidro verde gelo) além da grande quantidade de escória de vidro achada.

Esta sondagem teve lugar no topo nascente da R. Santos da Cunha. Também do entulho no poço além da escória a que já fizemos referência apareceu um fragmento de tijolo com pedaços de vidro de arestas cortantes aderentes, semelhante ao atrás referido.

Abril, 1977.

JOSÉ JOÃO RIGAUD DE SOUSA *

EDUARDO ALBERTO PIRES DE OLIVEIRA **

(*) Rua D. Jerónimo de Azevedo, 9 — 4200 Porto.

(**) Avenida da Liberdade, 319 - 1.º Dt. — Braga.

⁽¹⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Necrópole Galaico-Romana de Vila do Conde*, Revista da Faculdade de Letras — Série de História, vol. IV-V, Porto, 1973/74, aventa a hipótese de LUCRETIUS ter fabricado lucernas em Braga. Essa hipótese sofre agora maior consolidação pois nas escavações de Braga deste ano de 1976 foram já encontradas 3 lucernas com a sua marca.